

MÚSICA VIVA 2024

TRANSFIGURAÇÃO · Sond'Ar-te Electric Ensemble

Pedro Carneiro (maestro), Sílvia Cancela (flauta), Nuno Pinto (clarinete), João Dias (percussão), João Casimiro de Almeida (piano), Vítor Vieira (violino), Jorge Alves (viola), Luís André Ferreira (violoncelo), Miso Studio (electrónica)



- Hugo Vasco Reis · “Labirinto da Metáfora” (2024) ^{EA MMP} .
- Christopher Bochmann · “Canzona VII” (2023-2024) ^{EA MMP} .
- Rui Penha · “Uma peça apropriada” (2022) ^{SAE} .
- Daniel Martinho · “Cyclus” (2024) ^{EA MMP} .

EA · estreia absoluta
MMP · encomenda Miso Music Portugal
SAE · encomenda Sond'Ar-te

Hugo Vasco Reis · “Labirinto da Metáfora” (2024)

flauta, clarinete, percussão, piano, violino, viola, violoncelo e electrónica

“Labirinto da Metáfora” é uma obra para ensemble, amplificação e electrónica, encomenda da Miso Music Portugal, que se baseia em gravações de campo realizadas na Zürich HB (estação principal de comboios de Zurique). O ambiente sonoro existe antes da sua divulgação, pronto e à espera de ser percebido num caminho de escuta. Assim, o que se encontrará é uma metáfora proposta por figuras sónicas, e não o próprio lugar sonoro. Toda a ênfase está na mediação metafórica, projectando um horizonte de expectativa, de intenção e subjectividade. Aqui o labirinto oferece não um caminho, mas múltiplas escolhas, e a escolha não é um problema. Ao escutar, o ouvinte deve estar suficientemente consciente para perceber que esta não é uma representação de uma «coisa» sonora real, mas sim uma proposta de mediação. Então, no labirinto não há ponto de chegada, nem destino final. De qualquer lugar já se está a caminho de outro lugar. Nesta peça, a mediação dos sons pode tornar-se, e citando Alvin Lucier desde “Memory Space”, «(...) uma impressão, por vezes surpreendentemente clara, outras vezes perdida numa névoa (...)». Tal como uma fotografia, o som é captado a partir de uma realidade que já não existe e é acima de tudo uma experiência íntima de imediatismo e nostalgia.

Christopher Bochmann · “Canzona VII” (2023-2024)

flauta, clarinete, percussão, piano, violino, viola e violoncelo

“Canzona VII” para sete instrumentos foi escrita nos últimos meses de 2023. A obra baseia-se no poema “Regeneration” de Henry Vaughan (1621-1695), um dos *Metaphysical Poets* da literatura inglesa. O poema apareceu na coleção “Silex Scintillans” publicada em 1655. Em 1999 utilizei o mesmo poema como texto na obra “My Monstrous, Mountain’d Walke” para seis vozes.

“Canzona VII” tem sete andamentos cada um precedido por uma citação do poema e com uma instrumentação diferente – continuando assim as características instrumentais de grandes obras do repertório como “Pierrot Lunaire”, o “Quarteto para o Fim do Tempo” ou “Le Marteau sans Maître”). A obra segue o seguinte esquema:

Primeira parte:

- I. (Vivo) para a totalidade do conjunto (...and surly winds blasted my infant buds...).
- II. (Moderato) para piano (...my walke a monstrous, mountain'd thing rough cast with rocks...).
- III. (Lento) para flauta, percussão, piano e violino (...so sigh'd I upwards still, at last twixt steps, and falls I reach'd the pinnacle...).
- IV. (Moderato) para flauta, clarinete, percussão (...here I repos'd; but scarce well set, a grove descryed of stately height...and a new spring did all my senses greet...).

Segunda parte:

- V. (Vivo) para violino, viola e violoncelo com breves intervenções dos outros (...the unthrify sunne shot vital gold a thousand peeces...).
- VI. (Moderato) para clarinete, piano viola e violoncelo (...only a little fountain lent some use for eares...).
- VII. (Lento) para a totalidade do conjunto (...I heard a rushing wind...but whence it stirr'd no where I could not find...).

A obra acaba com um solo de violino com acompanhamento do tam-tam, fazendo assim referência intencional ao “Quarteto para o Fim do Tempo” e ainda ao fim do “Marteau sans Maître”.

Rui Penha · “Uma peça apropriada” (2022)

flauta, clarinete, percussão, piano, violino, viola e violoncelo

Este repto de Henri Matisse incorpora um desígnio que deu muitos frutos à arte do século XX: o da diversificação das fontes de inspiração dos criadores para além do seu contexto cultural de origem. A música não foi, claro, excepção e são sobejamente conhecidos os cruzamentos de culturas trilhados pelos compositores dos últimos cem anos. Mas eis que, em boa hora, várias vozes se levantaram denunciando aquilo que conhecemos hoje no debate público como *apropriação cultural*. No cerne da questão está a ideia de que as manifestações culturais não são objectos prontos a serem extirpados do seu contexto de enunciação e utilizados de forma indiscriminada, ora em benefício de quem deles se apropria, ora como mera representação superficial de um outro a quem é negada a oportunidade de se representar a si mesmo. Não vejo nesta ideia nada mais do que a sua nobreza. Não obstante, parece-me premente que sejam amplamente discutidas as perguntas que lhe são consequentes e às quais não é fácil dar resposta: quem pode trabalhar sobre – ou dentro de – uma determinada prática cultural? Quando – ou como – é aceitável trabalharmos sobre materiais, objectos e ideias oriundas de outra cultura? A estas questões podemos dar respostas filosóficas, políticas ou artísticas. Ainda que todas se possam iluminar mutuamente, penso que nenhuma delas consegue, por si só, extinguir a premência das restantes. Tentei debruçar-me sobre as duas primeiras num texto homónimo desta peça, publicado no livro “Chiado, Carmo, Paris: Soirée chez lui, Desassossego e apropriação”, editado em 2022 pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Nesta peça, encomenda do Sond’Ar-te Electric Ensemble e composta no mesmo ano, procuro uma resposta artística para a mesma questão, debruçando-se sobre a música de Gamelão do Centro de Java. Será esta uma apropriação apropriada?

Daniel Martinho · “Cyclus” (2024)

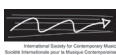
flauta, clarinete, percussão, piano, violino, viola, violoncelo e electrónica

“Cyclus” deriva da ideia de repetição, de retorno, de *loop*. Este conceito é aplicado na obra tanto ao nível da sua estrutura geral – um retorno ao início – como da sua estrutura interna – um conjunto de *loops* compostos por fragmentos musicais que se expandem ou contraem progressivamente. De um ponto de vista primário *Cyclus* remete-nos para a própria natureza do som – oscilações que se repetem no tempo. O material musical utilizado desenvolve-se de uma simples oscilação que é sobreposta a outras oscilações para a produção de diferentes timbres ou paletas sonoras.

SOND'AR-TE
www.sondarte.com



MISO MUSIC PORTUGAL
www.misomusic.me



Secção Portuguesa da |
Portuguese Section of the
International Society for
Contemporary Music

Secção Portuguesa da |
Portuguese Section of the
International Confederation
of Electroacoustic Music

Membro da | Member of the
International Association of
Music Information Centres

Membro da | Member of the
European Conference of
Promoters of New Music

Membro da | Member of the
International Computer
Music Association

Member of the European
Music Council &
International Music Council
(EMC & IMC)